

## **A máquina do tempo psicanalítica**

### **Breve retomada da teoria dos três tempos de Fabio Herrmann <sup>1</sup>**

**Luiz Moreno Guimarães Reino<sup>2</sup>**

Não raro a análise parte de um mal-estar temporal. Uma mulher se apresenta dizendo que os dias transcorreram e ela não os aproveitou, que sua vida perdeu o sentido e é tarde demais para recuperá-lo, seu tempo passou e foi embora. Já outra relata que seus relacionamentos reeditam sem cessar o mesmo roteiro: seguem uma precisa sequência levando ao idêntico fim, seu tempo é cíclico e não pretende deixar de sê-lo. Outro ainda busca a análise porque notou que tanto ele como alguns de seus entes estão enredados em uma maldição familiar, seu diálogo é com a condenação que atravessa gerações e que é imune ao tempo. Todos poderiam se perguntar: que tempo é esse que me assujeita? Todos, tal como Hamlet, poderiam afirmar: “O tempo está fora do eixo. Pobre de mim, que nasci para pô-lo em seu lugar!”.

Por mais distinta que seja a procura pela análise, é como se o paciente apresentasse, logo nas primeiras sessões, a forma como seu tempo se encontra fora do eixo e, implicitamente, tentasse o clínico a colocá-lo em seu lugar. O que faz então o analista nesse início? Trai discretamente o pedido: em vez de propor a regulação do tempo desleixado no eixo considerado correto (no tempo morno da rotina), a análise piora um pouco as coisas. Simplesmente, convida o paciente a entrar na fenda temporal que se abriu em sua vida. De um lado, o tempo fora do eixo, de outro, o tempo em seu lugar — é precisamente na não identidade dos tempos em que trabalha o analista, e é nela que ele irá instaurar sua máquina do tempo. *Há uma fissura no tempo, entremos nela se quisermos sair do lugar!*

∞

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi apresentado em “Trabalhos livres” no I Simpósio Bienal “O mesmo, o outro: Psicanálise em movimento” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

<sup>2</sup> Membro filiado do Instituto Durval Marcondes e doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Se você pretende começar uma análise, seja como paciente ou como analista, prepare-se para uma viagem no tempo. Primeiro, como vimos, sobrevém o estranhamento temporal. Em seguida, evita-se a regulação do tempo no eixo cronológico. E logo se instaura uma confusão muito parecida com as dos filmes de ficção científica, daquelas que causam certa vertigem quando tentamos apreendê-las.

A ficção temporal psicanalítica se dá mais ou menos assim. No presente da sessão, o paciente fala sobre o passado, revisita-se autobiograficamente. Mas é escutado pelo analista em um registro não referencial: este escuta a instauração do passado no presente. E ao proceder assim mantém vivo o potencial de alterar o passado. Uma vez que isso acontece, tudo muda: já não é mais o mesmo o futuro do passado narrado, já não é mais o mesmo o seu presente. Complicado, bem sei. Simplificando: no presente da sessão, paciente e analista são transportados para o passado, no qual qualquer modificação incide no futuro.

Tal operação atende sob o nome de resignificação. Ela é arriscada. Uma simples alteração do passado pode tanto fazer surgir o humano quanto apagá-lo. Mas ela também é crucial em toda análise. Ao lembrar, dizemos a nós mesmos: *eu sou o futuro daquele passado*; ao resignificar, o passado passa a ser outro: *e eu já não sei quem sou*.

Há, contudo, diferentes modos de operar a resignificação analítica. É aí que entra a teoria dos três tempos de Fabio Herrmann.

∞

Fabio dizia que a análise comporta três dimensões temporais: o tempo curto, o médio e o longo. Não se trata de uma divisão etapista ou cronológica, ao contrário, o aspecto principal dos três tempos é o fato de serem concomitantes e sobrepostos. Juntos compõe o tempo da análise. E como três partes de uma trança, a cada momento, um tempo aflora na superfície da sessão, enquanto os outros dois se cruzam por baixo.

**Tempo curto.** Há um antigo samba que versava "respeitem os meus cabelos brancos". O compositor Chico César retoma-o modificando: "respeitem os meus cabelos, brancos". Pronto: basta a introdução de uma vírgula para explodir a significação.

No tempo curto, as palavras perdem seu significado inicial, recompõem-se de uma maneira inesperada e devolvem ao enunciador um sentido que ele não visava proferir. Nele, escuta-se não apenas o lapso, mas a escuta é lapso: ela opera os rearranjos musicais das palavras (homofonias, aglutinações, escanções etc.), ao modo de um ato-falho a dois.

**Definição.** O tempo curto é o da palavra analítica. Nele se dá o encontro do dito do paciente com a escuta do analista. É o tempo da palavra em análise. De tal forma que toda a plêiade de conceitos técnicos-metodológicos da psicanálise – como associação livre, atenção flutuante – se encontra nele. Ao se aproximar dessa técnica, percebe-se que ela possui a forma de uma comédia de erros: opera-se um desencontro entre o dito e a escuta, o que cria um intervalo a partir do qual surge a interpretação e a ressignificação. O tempo curto é a comédia do Homem Psicanalítico.

**Tempo médio.** Em um miniconto fantástico escrito por Thomas Bailey Aldrich, registraram-se essas poucas linhas lapidares: "Uma mulher está sentada sozinha em sua casa. Sabe que não há mais ninguém no mundo: todos os outros seres estão mortos. Batem à porta".

O texto, ainda que curto, transcorre em tempo médio. Sentada em sua casa, a mulher padece de solidão em escala planetária. Está sozinha no mundo: é um ser sem seres. Esse é seu *páthos*: é a via pela qual ela cria o mundo que habita. Mas, em um simples ato, batem à porta: rompe-se o campo da solidão oceânica. Seu drama instaura-se não apenas na ausência de humanos, mas no exato momento em que essa ausência tem que se a ver com um ato mais-que-humano.

**Definição.** O tempo médio é o da relação analítica. Nele se dá o encontro do sofrimento do paciente, atualizado na transferência, com o manejo clínico do analista. É o tempo do *páthos* em análise. Toda uma gama de possibilidades de sofrimento, cruciais na vida do paciente, é reeditada na relação com o analista – não só amor e ódio, ciúmes ou inveja, mas também diversos outros sequer analisados. O trabalho analítico em tempo médio consiste em aproximar as reedições do *páthos* ao mundo dos possíveis, o que constitui o drama do Homem Psicanalítico.


**Tempo longo.** Eis uma historieta medieval que possui diversas variações. Em uma feira, um homem viu de longe a Morte olhar estranhamente para ele. Aterrorizado, corre para a casa de

seu senhor para pedir-lhe um favor, depois de contar-lhe a verdade: “A Morte assustou-me hoje na feira, empreste-me o cavalo para que possa fugir para Salamanca”. O senhor o emprestou, e o homem partiu a galope. Mais tarde, o senhor foi à feira, encontrou a Morte e lhe perguntou: “Por que assustou meu vassalo hoje?” E esta respondeu: “Não o assustei, eu é que me assustei ao vê-lo aqui: tenho um encontro marcado com ele hoje em Salamanca”.

Destino é isso: um encontro contingente que se torna necessário.

Definição. O tempo longo é o da história analítica. Nele o rio subterrâneo que percorre a vida do paciente, que carrega as dívidas e heranças transgeracionais, vem à superfície da sessão. O sumo da vida do paciente entra em condição de análise, e tal sumo torna-se ele mesmo o analítico. O trabalho da análise no tempo longo consiste em diagnosticar. O que não significa incluir o paciente em uma nosografia psicanalítica, ao contrário, no diagnóstico procura-se, pela via da narrativa, a especificidade absoluta da história da vida do paciente, a maneira singular de se posicionar diante da alteridade. É a procura de Psique pelos seus fundamentos, que pode levar, não sem risco, à revelação do Destino. O tempo longo é a tragédia do Homem Psicanalítico.

<b>Tempo</b>	forma literária	no Homem Psicanalítico	no trabalho analítico
<b>Curto</b>	comédia	ato-falho a dois - na palavra -	técnica poética
<b>Médio</b>	drama	<i>pátbos</i> - na relação -	manejo na transferência
<b>Longo</b>	tragédia	destino - na história -	diagnóstico narrativo



∞

As clínicas psicanalíticas relatam — e portanto escutam — em tempos distintos: os lacanianos, e até certo ponto os bionianos, contam os casos em tempo curto; os kleinianos e tantos outros, em tempo médio; e os freudianos, em tempo longo. Temperando o Homem Psicanalítico ao seu gosto, cada qual supõe ser a sua a receita certa de narrativa. Freud, é claro, transitava com incrível desenvoltura entre as três formas de narrar, e talvez entre outras ainda hoje sequer reconhecidas.

Percebe-se que o legado mais imediato da teoria dos três tempos é a ruptura do campo da filiação psicanalítica. Quando a interpretação psicanalítica cumpre seu destino, ou seja, alcança seu devir-método, ela perde o seu sobrenome. Deixa de ser uma interpretação kleiniana, lacaniana, bioniana, etc. Nesse ponto, é possível cruzar palavras, operar rearranjos musicais sem que com isso precise nomear-se lacaniano. É possível romper campos sentimentais ou mesmo levar adiante a investigação do *páthos*, sem se autodenominar kleiniano. E assim por diante. A teoria psicanalítica em seu aspecto metodológico não solicita atestado de batismo.

∞

Este texto é um convite para criarmos a máquina do tempo psicanalítica, que se dirige à terceira geração de analistas. Tal geração não se define pela idade e sim pelo ímpeto de ultrapassar o período das escolas. A ela seguem algumas indicações de leitura, são passagens da obra de Fabio Herrmann em que se esboça a teoria dos três tempos.

- • Capítulo 15 "Psicopatologia" do livro *Introdução à Teoria dos Campos* (2001).
- • Artigo "A supervisão vista de baixo" do *Jornal de Psicanálise* (v. 34, n. 62/63, 2001).
- • Capítulo "Quarta meditação: intimidade da clínica" do livro *Sobre os fundamentos da Psicanálise* (2015).